Recordando Dois Grandes Poetas Baianos

FERNANDES TÁVORA

Todos nós temos dias e mesmo épocas em que o cérebro, emperrado, se nega, obstinadamente, a qualquer iniciativa, quer na esfera prosáica das atividades materiais, quer na órbita seleta dos vôos da intelectualidade

Nessas ocasiões de inibição, é inútil toda e qualquer tentativa para demover-lhe a teimosia: não trabalha porque não lhe apraz, e estáça, sem a menor explicação, á semelhança de um animal muito nosso conhecido que, de repente, pára no meio da mais desempedida das estradas, e não vai para diante. Acúa-se ou empáca, e não há chicote ou esporas que o façam marchar, enquanto não lhe vier a vontade de fazê-lo.

Foi num desses dias de casmurro, lealmente confessado, que o mavioso poeta baiano professor Henrique de Casaes, se declarou incapaz de encontrar um motivo para o seu quotidiano versejar no "Diario de Notícias" da Baía pois, á falta de outro assunto, não lhe ficaria bem, a ele "que já dobrara o cabo dos amores, exalçar dentes níveos em labios de carmim", "seios mimosos, faces de donzelas", "cantar na lira humanas flores" pois "não vivia mais do sonho".

Essa sincera e singela declaração do poeta do "Diário", provocou uma linda resposta de outro vate igualmente melodioso, o dr. Aluizio de Carvalho que, sob o pseudonimo de "Lulú Parola", pontificava no "Jornal de Notícias", também da capital baiana, desencadeiando um duelo de gentilezas poéticas, que declinou, por alguns dias, os conterraneos de Rui e Mangabeira.

Isto ocorreu nos idos de 97, quando estive a cursar o 1° ano de Medicina, na velha Faculdade baiana e a luta andava acêsa no arraial his-
tilezas poéticas, que deliciou, por alguns dias, os conterraneos de Rui

O estudante que leu esses deliciosos versos, impregnados de bom humor e sadio idealismo, nunca mais os esqueceu e, após tantos anos, eles ainda lhe cantam no espírito, como um hino imortal á graça e á beleza.

Debalde os procurou, durante muitos anos, apelando para todos que o poderiam auxiliar nessa pesquiza, sem lograr o seu intento.

Há cerca de um ano, porém, mercê da prestimosidade do meu prezado

e eminente amigo Senador Aluizio de Carvalho, filho de um daqueles bardos, me veiu ás mãos uma cópia desses lindos versos, terna e inapagável lembrança da mocidade distante.

Esta Academia espera de seus membros, e mui naturalmente, ineditas e valiosas produções intelectuais, que venham incentivar o interesse pelas suas reuniões e aumentar o patrimônio de nossas letras. Debalde tenho esperado uma inspiração que não chega, afim de pagar o meu tributo.

Assim, vítima de uma "casmurrice" que não dá o menor sinal de retirada, e sem esperança de um providencial "estalo" como aquele que iluminou o cérebro de Vieira, resolvi quebrar o silêncio, declamando aqui êsses versos alheios, mimoso ramalhete colhido no escrínio de minhas recordações e exumados da poeira de meio século, pelo mágico poder da saudade.

Receio que essas harmonias do passado não agradem aos poetas da nova geração, habituados a outros rítmos e melodias diferentes.

Espero, entretanto, que os meus jovens confrades ouçam, com simpatia, as formosas estrofes dos dois primorosos vates baianos e perdôem ao velho companheiro de tertulias esta manifestação passadista.

Temos sempre um grande amor a tudo o que, de qualquer forma, concorreu, um dia, para amenizar as durezas de nossa mocidade; e aqueles versos, plenos de idealismo e suavidade, deixaram na minha alma de sensitivo uma ressonancia que tantos anos de vida atormentada não conseguiram apagar.

Muito se enganaria quem, só através desses versos, avaliasse o valôr dos vates em apreço que, se por dever de ofício, rimavam assuntos corriqueiros para não deixar vazia a sua coluna de jornal, abordavam, não raro, elevados temas em que ascendiam aos mais altos remigios do pensamento ritmado.

Alguns dos que me ouvem estarão, talvez, a fazer, mentalmente, esta interrogação: "Se eram, realmente, tão bons poetas, porque algumas de suas melhores produções não figuram em nossas antologias, e até nós não chegou ainda a fama de seus nomes?" Antecipo a resposta: ambos dedicaram ao jornalismo provinciano a melhor parte de sua existência, consumindo no diuturno e apagado mourejar, suas pujantes cerebrações, que cintilavam por momentos, e logo se sepultavam no esquecimento com os numeros do jornal em que brilhavam.

A profissão de jornalista é das mais ingratas: dos proletários da imprensa, trabalham uns exaustivamente, tentando incutir no cérebro escuro das massas, noções de patriotismo e de dever, enquanto outros, (os poetas) fazem rir os que sofrem e erguem aos páramos sublimes da beleza os que sabem esquecer a dor, sonhando...

Á semelhança dos passaros que cantam sem suspeitar que nos deleitamos com os seus gorgeios, os poetas também trinam, indiferentes a

louvores ou recompensas, porque julgam como Keatts, que "*a thing of beauty is a joy for ever.*"

Desse apurado e duro labor de tantos anos, poucos se lembram, porque o jornal é pábulo de um dia, e a memoria, a mais fragil e precária das faculdades humanas.

Nem tudo, porém, consome o olvido, e, de longe em longe, a memoria de alguns desses denodados pioneiros do espirito rompe o espesso casulo do esquecimento e, ludibriando a ingratidão dos coévos, revive noutras gerações, que lhe não regateiam o reconhecimento, nimbando-a com o resplendor da gloria perene.

Muito não é, pois, que eu tribute, neste momento, tão singela homenagem a esses dois grandes aédos que, um dia, me embalaram os devaneios da primavera e, ainda no outono da vida, me fazem ressuscitar os sonhos mortos.

Como o poeta, eu poderia dizer que "a saudade é velha torre erguida na paisagem outoniça de minha alma"; e todos aqueles que, vagarosamente, se vão apropinquando da outra margem do rio da vida, sabem e sentem que "recordar é viver"!

ALOYSIO DE CARVALHO (Aloysio Lopes Pereira de Carvalho 1866-1942). Nasceu em 27 de março de 1866, na cidade do Salvador, onde fez os estudos secundários. Iniciou na Côrte o curso superior de Engenharia, que deixou em 1885, voltando á Bahia, por morte do pai, o comerciante José Lopes Pereira de Carvalho. Nesse mesmo ano adquiriu, com o seu cunhado Carlos de Morais, prematuramente falecido, a propriedade do "Jornal de Notícias", que passaria a novos donos em dezembro de 1916. No "Jornal de Noticias", de que foi diretor durante todo esse periodo de trinta anos, e de que fez a folha diária de maior circulação e prestígio no Estado, manteve, de outubro de 1891 a março de 1919, uma secção diária de versos humoristicos, denominada "Cantando e Rindo", e assinada por *Lulú Parola*, pseudonimo literário sob que se popularizou, como poeta. Tinha o número 6.708 o último "Cantando" publicado. Deputado estadual em duas legislaturas, foi redator da "A Tarde", de 1925 até á data da morte, em 2 de fevereiro de 1942. Ocupou na Academia de Letras da Bahia, como um dos fundadores, a cadeira nº 2, de que é patrono Gregório de Matos Guerra, e é hoje titular o deputado federal Luiz Viana Filho, jornalista e escritor.

Entre os seus "Cantando", ficaram famosos, na Bahia, os que fazia, anualmente, a pretexto da Segunda-feira do Bomfim, a maior festa popular bahiana, bem como o de nº 3.019, — de 1905 — divulgadíssimo na imprensa brasileira e em livros didáticos, simbolisando uma conversa com os filhos sobre "O Brasil", e que assim termina:

Tudo que é bom — ele tem!
Formoso igual — Deus não fêz!...
Amem — no mais que a ninguem!
Senão Papai, ouçam bem,
Não abençôa Vocês!...

Também apreciadíssima é a satira "Pobre ema", a que, até, já se atribuiu finalidade de condenar determinado livro de versos oferecido ao poeta, o que não ocorreu, porquanto o pequenino poema teve inspiração espontanea e impessoal. Ei-lo:

POBRE EMA

Deu-se a uma Ema um tóro de madeira,
E a Ema o enguliu...
Deram pedras depois... De igual maneira
A Ema as digeriu...

Alguem, após uns ferros lhe atirou
E a Ema os devorou;
Jogaram-lhe, em seguida, o teu poema,
E a Ema,
(Sabem vocês que foi que sucedeu?)
Enguliu e... morreu!

Esse poema satirico foi vertido para o latim pelo diretor do Seminário da Bahia, Padre Corrêa.

Comemorando, este ano, o decênio da morte do poeta, uma edição de seleção dos seus versos, com ilustrações das várias fases da sua vida, está no prélo, por iniciativa da Academia de Letras da Bahia, com a ajuda do departamento de Divulgação Cultural da Prefeitura de Salvador.

ANTONIO HENRIQUES DE CASAIS (1864-1948). Nasceu a 8 de fevereiro de 1864, na cidade do Salvador, em cuja Faculdade de Direito se diplomou, em 1898. Exerceu, ai, o lugar de professor substituto de Pedagogia do Instituto Normal, e a função de redator do "Diário de Noticias", onde manteve, com o pseudonimo de *Zé Gangolim*, uma secção de versos humoristicos, denominada "Na flauta". Em 1906, transferiu residência para o Sul do País, exercendo a magistratura e o magistério e aposentando-se como juiz de Direito em Porto Alegre, onde faleceu em 26 de fevereiro de 1948.

Na Bahia, publicou, em 1884, "Poesias", e em 1891, "Lírios do Vale". Em Porto Alegre, foi numerosa a serie de opúsculos ou livros de poesias editados, de 1932 a 1947, destacando-se versos líricos, como "Inverno sempre em flôr" e "Trilogia de Amor", versos místicos, como "Nossa Senhora do Pertétuo Socorro e outros Versos Religiosos", de 1938, e humorísticos, como "Piadas", em 1947, com o pseudonimo de Juvenal Mirim. (1)

Sei que ele esteve também, no Amazonas, em cuja imprensa, versejou, sob o mesmo pseudonimo, usado na Bahia.

Eis os versos a que aludi:

NA FLAUTA

LXXXVI

(11 de Setembro de 1897).

Hoje estou no meu dia de casmurro!
Cada qual tem o seu, e ha freguezes
Que levam padecendo tal molestia
Muitos dias e mezes...

Corri os olhos no Jornal, *buscando*
Motivo para a minha versalhada.
Debalde andei no assunto matutando,
No fim de contas nada...

Cantar olhos do ceu, vivas estrelas,
Dentes niveos em labios de carmim,
Seios mimosos, faces de donzelas,
Não fica bem a mim.

Eu já dobrei o cabo dos amores,
Do velho coração já não disponho.
Não canto mais na lira humanas flores,
Não vivo mais do sonho.

Faço Ponto. Do canto costumeiro
Nem um verso siquer ao menos fiz.
Paciencia! esperemos prasenteiro
Um dia mais feliz...

ZÉ GANGOLIM.
(Antonio Henriques de Casaes)
"Diario de Noticias" — da Bahia.

CANTANDO E RINDO

1285

(13 de Setembro de 1897)

A *Gangolim*, do "Diario"
— Sonhar é viver —

Que já dobraste o cabo dos amores
Disseste ant'ontem, caro Gangolim;
E não cantas, por isso, mais as flores,
Aos sonhos côr de rosa deste fim...

Não concordo contigo.
Em mocidade, não serás eterno;
Porém a alma de um poeta, amigo,
Só primaveras tem, não tem inverno!

Não ha p'ra os sonhos certidão de idade,
Pois sonhar é viver!
Sonhar! Quem ha no mundo que, em verdade,
Não sonhe, até morrer?!

Companheiro infiel, porem constante,
O sonho, nesta vida, é o nosso guia...
Uma ilusão rutila a cada instante,
Como nasce uma aurora todo dia!

Para iludir-se com a estrela e a rosa,
O coração é sempre uma creança...
Deus, creando uma — longe, outra — espinhosa,
Creou tambem a força da esperança!

Não desce ao coração,
A neve que os cabelos embranqueça...
Morreu uma ilusão? Outra ilusão
Não tarda que apareça!

Si a fulgurante estrela não me escuta,
Si magoa-me a rosa que seduz,
Diz a Esperança, voz divina: Luta!
O destino da alma é aroma e luz!

(LULÚ PAROLA)
ALOYSIO DE CARVALHO
(No "Jornal de Noticias" —
da Bahia

NA FLAUTA

LXXXIX

(15 de Setembro de 1897)

A *Lulú* do Jornal.

Vim através dos anos tropeçando
De sonho em sonho, e, como pombas mansas,
Vi sempre longe, pelo ar voando,
Meus ideais e minhas esperanças!

No canteiro da vida plantei flores
E rebentaram rusticos abrólhos;
Onde deixei afetos — colhi dores!
Onde os arminhos puz — achei escolhos.

Na gondola gentil da fantasia
Embarquei a sorrir a mocidade!
Atirou-a na rocha a vaga fria...
Tudo passou... e resta-me a saudade...

Ah! si eu pudesse me volver à infancia!
De novo ao seio maternal volver!
Derfrutar nova luz, nova fragancia!
Gosar... sonhar... viver !...

Vibrando o doce plectro mavioso,
Ao Gangolim *falaste, ó* Lulú *terno!*
E disseste no verso harmonioso
Que alma do vate não conhece inverno!

Sei que a tua é constante primavera,
Que brotam lirios no teu seio amigo,
Que vives de ilusões e de quiméra...
Pois bem, poeta, sonharei contigo!...

Volverei ao jordim do meu passado,
Onde do ceu já prelibei dulçores,
E no penedo pelo sol queimado
Farei florirem perfumosas flôres.

Um defronte do outro cantaremos...
Tú ensinar-me-ás o verso brando;
O universo de cantos encheremos,
A sonhar... a sonhar... sempre sonhando.

(ZÉ GANGOLIM)

CANTANDO E RINDO

1288

(16 de Setembro de 1897)

As ilusões da vida...
borboletas.

Tua resposta, amigo Gangolim,
Veiu provar-me que falei verdade...
Quem possui na palheta as vivas cores
Dos teus versos, possui a mocidade;
Pela vida navega em bergantim
De alegre fantasia,
Margens vibrando em canticos e olores,
E nas estrelas — luminoso guia!

Vejo-te ainda o coração em festa,
A sonhar, a sonhar!
O poeta é assim... A lira tange,
Si o desengano uma quiméra cresta,
E um novo bando de quiméras frange
O espaço, a voar...

Na vida, as ilusões são borboletas...
Somos nós — as crianças!
Cardos e flores, noite e claridade...
N'este vergel de rosas e violetas
Libram-se muitas... Chamam-se Esperanças!
Mas, ao chegarmos, chamam-se — Saudade...
Bem lhe sentimos dolorosos travos...

Outro bando, porém, lá está a voar
Naquela moita de jasmins e cravos!...

Eis a vida, por fim: sonhar! sonhar!...

(LULÚ PAROLA)

NA FLAUTA

LXXXXI

(17 de Setembro de 1897)

A *Lulú* do Jornal.

Nesse torneio esplendido em que primas
Tú, sonoro Lulú, *ganhas a palma!*
Nas tuas doces rimas
Palpita um coração, explende um'alma!

Não pode a flôr do campo
Em mimos competir com a rosa bela!
Não pode o pirilampo
Fulgir bem como a estrela!

Vejo-te longe! sobre ti fulgura
Limpido o ceu azul, vasto e suave . . .
Para chegar contigo a tanta altura
Precisa o inséto ter as azas d'ave.

Vôa! penetra os páramos divinos!
Mundos de luz! esferas de harmonia!
Fico na terra te escutando os hinos,
Que dão-me ao coração paz e alegria!

Canta, poeta, canta essas quiméras
Que dão vida a doçura ao teu cantar!
Transporta-te ao paiz das primaveras
A sonhar. . . a sonhar. . .

Alma de eleito, vês um paraíso
Onde apenas enxergo uma ilusão!
Vibrante e meigo, o rouxinol do riso
Trina em teu coração!

Vais sorridente no baixel dourado
Sobre o lago ideal da fantasia!
O meu baixel quebrou o norte, irado,
De encontro à penedia!

Segue cantando... nessa rota calma
Deus queira o doce bardo acompanhar!
Nos braços da ilusão dorme tu'alma,
A sonhar... a sonhar...

ZÉ GANGOLIM.

CANTANDO E RINDO

1 2 9 0

(18 de Setembro de 1897)

Ainda uma resposta a *Gangolim*, do *Diario de Noticias*, pela sua "Flauta" de ontem, 17.

Em rimas de oiro tu voltaste ainda...
E tal é o donaire em que pelejas,
Que logo vê-se! O Deus Apolo blinda
A poderosa clava que manejas!

Si ele te ensina o módulo sereno
Que escutava de Erato favorita,
Que sorte aguarda o violão *terreno,*
Em cujas cordas a impericia hesita?

É, portanto, imprudencia, sí pelejo,
Voltas à arena, cheio de harmonias,
Trazendo, alegre, um festival cortejo
De ideais, ilusões e fantasias!

Além de tudo, sobra-te o poder
Desse que vibras, magico instrumento,
Que chamava os rebanhos a pascer,
E que no amor tivera nascimento!

Bem lhe conheces a divina origem:
A comovente história de uma ninfa
Que, por amor, que os deuses não dirigem,
Pediu socorro à correntia linfa!

Sabes que a flauta *pelo amor nasceu...*
Como, portanto, combater contigo,
Si para mim o Amor é o Prometeu
Que ao ceu roubou a imagem que bendigo?!

* * *

Amor! que acende luz nas penedias,
Embora alem vá semear escólhos!...
Que transporta do ceu as ambrosias
Que a alma sorve no fulgor de uns olhos!

Amor! que, si não fala, nos tortura,
E, se os lábios descerra, nos desvaira!
Que nos dá paraizo na clausura,
E, sendo humilde, sobre o altivo paira!

Amor! vulcão que, em chamas, nos esfria,
E que em gelo tornado mais abraza!
Da transitoria vida claro dia!
Entre o ceu e a terra tenue gaza!

Amor! de cujo riso fez-se a aurora!
Cujo poder a incredulos convence!
Onde o batel dos ideais ancóra!
Amor, que tudo vence!...

LULÚ PAROLA.

Além de "Pobre Ema", já incluida nos traços bibliográficos, vou recitar, de memoria, dois "Cantando e Rindo" de Lulú Parola, tipos perfeitos da satira e do lirismo.

Nos primordios da primeira Republica, a nossa Camara de Deputados não primava pela ordem, e varios casos de serios atritos e repolhudos desafôros assinalaram o funcionamento tumultuoso daquela casa do Congresso.

Lulú Parola comentou, forçosamente, esses fatos, no seguinte "Cantando e Rindo":

Quem quizer aprender capoeiragem,
Jogo profundamente nacional,
Arrume a trouxa e compre uma passagem
Para as sessões da Camara Federal.

Eu não quero saber quem é o chefe,
Nem a este ou àquele estou culpando;
Breve, porem, discute-se a tabéfe,
Pela forma que as coisas vão andando.

Tumultos, algazarra, suspensão,
É desde que a chamada principia;
E, se não falha a minha previsão,
Aquilo acaba em rôlo, qualquer dia!

E vae-se, assim, perdendo a dignidade
Que uma casa d'aquelas deve ter;
E, dentro em breve, adeus imunidade!
Mais imune será quem mais corrêr..

Ao falecer Thomaz Ribeiro (creio que em 1901 ou 1902) Lulú Parola traçou-lhe este formoso necrologio, composto todo ele, com algumas das mais lindas estrofes do grande vate lusitano, no qual resurgem versos da "Judia", do "Dom Jaime", dos "Dons que passam".

Nada de mais primoroso, original e significativo, em materia de lirismo. Assim o entendeu a ilustrada Redação do jornal carioca "O Dia", que o transcreveu, precedido dos maiores encomios.

Eis o necrologio:

"A memoria do mavioso poeta Thomaz Ribeiro".

Jardim da Europa, à beira-mar plantado,
Para as iras do mar, um contraforte,
Emudeceu teu rouxinol, gelado
Pelo inverno da morte!

Esse Téjo sereno, em pleno Abril,
Panteia, agora, o trovador gentil
Da Judia viandante,
Teu sonoroso vate favorito,
Cuja lira de louros se têceu,
Vibrando triunfante,
No Cairo, em Malta, em Nazareth, no Egito,
Mundo infinito, que os seus versos leu...

Viveu teu nome cantando,
Nome que o peito lhe enchia,
Feliz, coberto de gloria;
Em cada estrofe gravando,
Pelo buril da poesia,
O hino de uma vitória.

Sons que não passam,
Sons que eternamente,
Mostrarão teu valor emoldurado,
No Dom Jaime imortal!

São esses dôces trevos que, fluente,
Fez-nos ouvir teu rouxinol gelado,
Teu querido cantor,
Oh! glorioso e velho Portugal,
Jardim da Europa, à beira-mar plantado,
Hoje, vazio de formosa flor!"

Cumpre notar que esses poetas, (sobretudo Lulú Parola), eram dotados da admiravel plasticidade, que lhes permitia mudar, á vontade, o sentido do seu estro, passando rapidamente, da poesia jocosa e satirica, ao mais alto e apurado lirismo.

De Zé Gangolim, li diversas produções, do primeiro genero, o que me autoriza a fazer aquela afirmação.

De Lulú Parola, vou recitar alguns versos que se encarregarão de demonstrar o aludido contraste:

A SEGUNDA-FEIRA DO BONFIM DE 1942.

(Versos de Lulú Parola, publicados no jornal "A Tarde", de 19-1-1942)

Mulata, eu não te esqueci
Daqueles tempos de outrora!...
O violão está aqui;
A "prima" é que já não chora...

Disto é você a culpada,
Pois se tornou modernista,
Mulata mecanisada,
De agrado paraquedista...

Quarenta e dois ainda está
Sendo de todos saudado...
Ele em dezembro verá
Quem é que tem a seu lado.

Quem no escrever não é forte
Hoje em dia não se aperta...
Escreva de qualquer sorte,
Que a esrita no fim sai certa...

Tenho o mesmo amor á rima;
Hoje, porém, canto pouco...
Com a mudança de clima,
Num instante eu fico rouco...

No dia em que a guerra cesse
Por não ter quem lute mais,
É certo que outra comece
Pelos ajustes na paz...

O Amor é moléstia de que o atacado
Vive contente
De estar doente...
Tanto que quando sente
Que está ficando curado
Da paixão
Que lhe causou a injeção,
Vai de novo, fenômeno inaudito,
Procurar... o mosquito!...

Bahia! Como eu lamento!
Que diferente que está.
Com a tradição do talento.
Hoje ficou sem agá...

É tão grande a carestia,
Que faz de um vivo um defunto...
O xarque custa hoje em dia
O que custava o presunto...

A carne verde, aumentando,
Deu um salto, e dois, e três..
O povo já está pensando
Quando é que salta outra vez...

Hojé, está assim resolvido
Do novo lar o problema:
Sai para o clube o marido,
Sai a mulher p'ra o cinema...

Bom dia — já não se dá;
A benção — já não se toma,
Não há "yoyô", nem "yayá";
Colarinho não tem goma;
Não vale nada um tostão;
O pão é hoje pãosinho;
Entra-se agora em salão
Sem meia e de tamanquinho.

Meu telefone é sem par;
Aos outros faz exceção...
Há um mês estou p'ra falar,
Sem conseguir ligação...

Meu taboleiro, hoje em dia,
Tem coisas só p'ra mostrar...
O petroleo se anuncia...
Mas eu não posso mercar...

O "futebol" bem pode se orgulhar
De um predicado que ninguem o imita
Que é o único lugar
Em que se grita...

Não me falta a quem rimar..
Tanta coisa... Tanta, tanta!...
Mas a voz, se eu vou cantar,
Fica presa na garganta...
Antigamente,
No meu cantar, eu era diferente...
Não era assim...
Ai de mim! que para mim,
Como era diferente,
No meu cantar, antigamente,
A SEGUNDA-FEIRA DO BONFIM